



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 7, v. I maio.-out. 2017

p. 405-422.

Gays afeminados ou a poluição homoerótica

Oscar Guilherme Lopes¹

RESUMO: O presente trabalho procura levantar alguns questionamentos a respeito da noção de heteronormatividade, ou seja, a ideia de que os seres humanos são naturalmente heterossexuais e devem se comportar de acordo com uma concepção binária de gêneros, na qual as mulheres são “femininas” e os homens, “masculinos”. Para tanto, aborda questões que dizem respeito aos chamados gays afeminados (ou efeminados), aqueles que não se enquadram nos padrões da heteronormatividade masculina, são alvo preferencial do preconceito, sofrem mais violência homofóbica e são discriminados inclusive por outros homossexuais. Uma das propostas deste artigo é denunciar o preconceito contra gays afeminados e questionar a raiz dos desejos e preferências sexuais, desmistificando a ideia de que a rejeição contra homens considerados ‘femininos’ seja simplesmente uma questão de gosto pessoal. Por causa da relação que culturalmente se faz entre ser mulher e feminina (a condição feminina considerada como algo inferior e indesejável) e ser homem e masculino (a masculinidade vista como uma característica de força e superioridade), a hierarquização desses papéis sociais traz privilégios para os homens, sobretudo aqueles que se encaixam nos padrões preestabelecidos pela heteronormatividade cis.

PALAVRAS-CHAVE: homossexualidade; gays afeminados; homofobia; machismo.

Abstract: This work seeks to raise some questions about the concept of heteronormativity, that is the idea that humans are naturally heterosexual and should behave according to a binary conception of gender, where women are ‘feminine’ and men ‘masculine’. Therefore, it addresses issues that concern the so-called effeminate gay, those who do not meet the standards of male heterosexuality, are preferred target of prejudice, suffer more homophobic violence and are discriminated against even by other homosexuals. One of the proposals of this article is to denounce prejudice against effeminate gay and question the roots of sexual desires and preferences, demystifying the idea that the rejection of men considered ‘feminine’ is simply a matter of personal taste. Because of the relation that is culturally constructed between woman and female (the womanhood has been considered as something inferior and undesirable) and man and male (the manhood has been considered as a characteristic of strength and superiority), the ranking of these roles brings privileges for men, especially for those who fit the standards previously established by the vis heteronormativity.

Keywords: homosexuality; effeminate gay; homophobia; male chauvinism.

Resumén: Este documento pretende plantear algunas preguntas sobre el concepto de la heteronormatividad, es decir, la idea de que los seres humanos son por naturaleza heterossexuales y deben comportarse de acuerdo con una concepción binaria de género, donde las mujeres son ‘femenino’ y los hombres, ‘masculino’. Por lo tanto, aborda temas que preocupan a los llamados homosexuales afeminados (efeminados), aquellos que no cumplen con los estándares de la heterosexualidad masculina, son objeto preferidos de prejuicios, sufren más violencia homofóbica y son objeto de discriminación, incluso por otros homosexuales. Una de las propuestas de este artículo es denunciar los prejuicios contra los homosexuales afeminados y cuestionar las raíces de los deseos y preferencias sexuales, desmitificar la idea de que el rechazo de los hombres considerados femeninos es simplemente una cuestión de gusto personal. Debido a la relación que culturalmente se encuentra entre ser mujer y lo femenino (la condición femenina considerada como algo inferior y no deseable), y entre ser hombre y lo masculino (la masculinidad vista como una característica de fuerza y superioridad), la jerarquización de estos roles sociales trae privilegios para los hombres, especialmente aquellos que se ajustan a los estándares previamente establecidos por la cis heteronormatividad.

Palabras clave: homosexualidad; homosexual afeminado; homofobia; machismo.

¹ Bacharel e licenciado em História pelo Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Especialista em Sociologia Urbana pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e professor da rede pública de ensino do Estado do Rio de Janeiro. E-mail: ogepecele@yahoo.com.br

Recebido em 14/07/16

Aceito em 18/12/16

1. Introdução

A partir do começo da década de 1970, teve início, nos Estados Unidos, o que hoje entendemos propriamente por movimento homossexual que, posteriormente, veio a ser chamado de gay e LGBT. A partir 1980, esse movimento se viu forçado a oferecer uma resposta à política social do Estado norte-americano, com relação à epidemia da AIDS, que então fazia suas primeiras vítimas. A então denominada “peste gay” só fez aumentar o preconceito cada vez maior da sociedade em relação aos homossexuais. A chamada ‘política de inclusão’, então desencadeada, pretendeu apresentar homossexuais, bissexuais e transgêneros como engrenagens de uma sociedade ‘de todos nós’, uma visão dita inclusiva, mas que, na realidade, funcionava apenas para legitimar e naturalizar a heteronormatividade, representada pela figura do homem branco, macho e ocidental.

Recusando esse paradigma normativo, os chamados gays afeminados procuraram, através de discussões e polêmicas, fazer ouvir a sua voz, defendendo o ponto de vista de que não somente é válido ser diferente, mas é fundamental tomar uma posição e mostrar indivíduos que a sociedade tenta tornar invisíveis que encontravam-se cada vez mais unidos, mobilizados e atuantes.

Em 1992, popularizou-se, entre os ativistas gays norte-americanos, o termo *queer* como reapropriação de uma expressão originalmente ofensiva às lésbicas, os gays e transgêneros. Na mesma época, a expressão passou a ser utilizada por certa corrente teórica amparada pelo pós-estruturalismo e influenciada pelo *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, obra fundamental de Judith Butler, que pensa as identidades sexuais e de gênero não mais em termos essencialistas, mas, foucaultianamente, como produzidas no/pelo discurso e inscritas em relações de poder.

O surgimento desse movimento diferenciado foi uma tentativa de contestar e enfrentar a heteronormatividade homofóbica da maior parte da sociedade, inclusive do próprio movimento gay tradicional. Segundo o ponto de vista dessa nova militância gay, ser homossexual, lésbica, bissexual ou transexual, e ser gay afeminado, não é bem a mesma coisa.

A primeira concepção diz respeito à sexualidade de um indivíduo, seu gênero e orientação sexual, enquanto a segunda, além desses componentes, compreende também e, principalmente, sua atitude, em caráter desafiador ao comportamento instituído e aceito pela sociedade. A atitude afeminada adota a noção de feminilidade, fazendo uso da mesma para destacar a “norma” daquilo que é tido como ‘normal’, seja hétero ou homossexual.



Essa atitude ‘marginal’, e até mesmo orgulhosa, da condição afeminada, é fundamental para a compreensão do papel desempenhado pelo gay afeminado no contexto homossexual em que está incluído. Trata-se de uma atitude crítica ao comportamento conservador dominante na sociedade e no Estado, inclusive no próprio movimento LGBT tradicional, que prega uma política inclusiva sem uma real transformação social para todos, e não apenas para sujeitos e corpos aceitos no âmbito de padrões estéticos e morais considerados adequados pela sociedade dominante.

Por outro lado, sites ou chats de relacionamento gay muitas vezes reforçam o preconceito contra gays afeminados, como se poderá ver nos perfis colhidos, de modo mais ou menos aleatório, em uma rede social de homossexuais, e expostos ao longo deste artigo.²

2. “Quem vai ganhar é a bicha!”³

Após os primeiros anos de uma postura mais radical – cujo marco fundante é a Rebelião de Stonewall⁴, em 1969 –, o movimento LGBT norte-americano aderiu, em meados da década de 1970, de forma inequívoca, à política do assimilacionismo, partindo da ideia de que gays e lésbicas deveriam enquadrar-se em modelos de comportamento heteronormativos, considerados mais aceitáveis para a sociedade, a fim de serem ‘assimilados’ como ‘iguais’. Essa postura caracterizou-se pela adesão a valores e padrões comportamentais tipicamente burgueses, brancos, heterossexuais e calvinistas, como o casamento monogâmico, a cisgeneridade, o respeito às leis e instituições republicanas, a valorização do trabalho, e pela rejeição a comportamentos que desprezavam e confrontavam esse modelo idealizado, tais como promiscuidade sexual, transgeneridade, relações com classes mais baixas e contatos com o lumpesinato.

Entretanto, a partir dos primeiros anos da década de 1980, a epidemia da AIDS, ao vitimar majoritariamente homens gays, fez fracassar as estratégias assimilacionistas de aspiração à igualdade. A então chamada ‘peste gay’ foi interpretada e manipulada por grupos conservadores e

² (Perfis recolhidos aleatoriamente em: Disponível – site de relacionamento gay <<http://disponível.uol.com.br>>. Todas as descrições dos perfis encontrados foram rigorosamente transcritas, apenas corrigindo-se os (muitos) erros de português, para facilitar a leitura, e omitindo-se as palavras ou termos “pornográficos”, mas desnecessários para o escopo deste trabalho.

³ A expressão foi colhida do depoimento de um rapaz gay afeminado no curta-metragem “Bichas”, realização do publicitário e cineasta pernambucano Marlon Parente, visto quase 500 mil vezes no YouTube (fevereiro de 2016), e que busca tirar o estigma do termo que dá título ao filme, a partir das narrativas de vida de seis jovens gays afeminados.

⁴ Na década de 1960, a cidade de Nova York, com a maior população LGBT da época, tinha leis rígidas contra sodomia. Existiam até mesmo “esquadrões do vício” para fazer batidas nos bares homossexuais e prender seus clientes. Na noite do dia 28 de junho de 1969, os homossexuais usuários do *Stonewall Inn* resistiram à prisão e entraram em choque com a polícia. A revolta ou levante de Stonewall marcou o momento da virada do movimento pelos direitos homossexuais nos Estados Unidos e em quase todo o mundo.



religiosos como um ‘sinal divino’ da diferença existente entre homo e heterossexuais. Acrescente-se que a ausência de uma ação efetiva por parte do governo do conservador Ronald Reagan permitiu que a epidemia crescesse assustadoramente, fazendo numerosas vítimas e causando uma onda de pânico na sociedade, que a mídia se encarregava de propagar. Essa situação provocou uma mudança na postura até então ‘assimilacionista’ do movimento gay, cedendo lugar à desobediência civil, à insubordinação e ao confronto direto de grupos mais radicais, como o *Queer Nation* e o *Act Up*. Daí, o surgimento da política queer, como uma possibilidade de abranger múltiplas expressões sexuais e de gênero, como as representadas pelas identidades lésbica, gay, bi e transexual. Desviando-se do comportamento heteronormativo dominante, essa parcela do movimento gay passou a rejeitar as demandas por representações ‘positivas’, substituídas por estereótipos considerados incômodos à heteronormatividade, abandonando o caráter assimilacionista que essas tinham adquirido, e proclamando o orgulho pela diferença e pelo seu caráter transgressor em relação à norma.

Zangado48, Rio de Janeiro, RJ *Eu sou homem, bissexual, ativo, querendo conhecer homem para namoro, amizade, outras atividades, com no mínimo 25 até 99 anos. Procuo por homens com as mesmas características minhas. Não gosto de afeminados, quero homens, mas que sejam passivos ou versáteis, sem perder a masculinidade.*

Se o estereótipo da bicha afeminada de classe baixa e ligada à marginalidade não era propriamente uma novidade na cena homossexual, a grande diferença agora é que os estereótipos nos quais eles, os gays afeminados, se baseavam, eram atualizados, na medida em que tomavam consciência do efeito político de confronto com o *status quo*. Segundo Perlongher,

Os efeminados (...) cuja nomenclatura mais conhecida e paradigmática é “bicha”, é superada em feminilidade pela “bicha pintosa”, compartilhando o mesmo campo semântico com designações como “mona” (termo afro) ou “marica” (portunholismo menos difundido), constituindo a tipologia sexual do “homossexual passivo”. Para se reconhecer aquele que pode se desempenhar alternativamente como ativo e como passivo, essa peculiaridade vai ser exprimida pelo termo (já ultrapassado) “entendido” e hoje pelo anglicismo “gay”. Próximo ao campo do antigo homossexual “ativo” aparece modernamente o paradigma do “gay macho” – radical em sua representação máscula, mas flexível nas suas práticas sexuais. No sistema mais clássico, esse “gay macho” confundir-se-ia, à primeira vista”, com o “enrustido”, para quem a manutenção do estereótipo viril não deriva explicitamente de sua assunção consciente, mas do temor de que se descubram suas inclinações homoeróticas. (PERLONGHER, 1987, p.149-150)



Daí os epítetos de ‘esquisito’, ‘viado’⁵, ‘maricas’, ‘bicha’, ‘boiola’ etc, de que os gays afeminados, considerados ‘não homens’, são alvo desde cedo, ainda mesmo na infância ou na adolescência por parte da grande maioria da sociedade, expressa, muitas vezes, na família, na escola, na igreja, por meio da mídia, dos espetáculos cômicos televisivos, cinematográficos, teatrais etc, apesar de uma certa ‘censura’, que vige em alguns meios ligados ao ‘politicamente correto’.

???, Rio de Janeiro, RJ *Sou branco, cabelo preto, bonito de rosto e corpo, não afeminado, cavanhaque aparado, tc da zs do Rio, liberal, (...) curto viajar nos dois sentidos (...) machos ativos (...) Procuo por caras brancos, morenos, mulatos ou negros (...) que curta uma amizade com muita sacanagem, dildos, fist na encolha, tudo na moita, um lance legal na encolha sem cobranças. Não curto afeminados nem bichinhas, nada contra, cada um na sua (...) não curto caras obesos (...).*

A figura do ‘viado’, no entender de alguns gays afeminados, simbolizaria uma das traduções possíveis da atitude afeminada ao recuperar o caráter transgressor desse comportamento. Segundo essa militância gay ‘marginal’, os homossexuais afeminados desviam-se do caminho imposto como único e natural pelo sistema, a fim de repensar a história da sexualidade e suas heranças culturais sob um viés transgressor e não, como fazem determinados historiadores e/ou militantes gays tradicionais, ao tentar passar para a sociedade uma mensagem ‘positiva’ da homossexualidade, e para quem a importância de um indivíduo é medida em termos da sua contribuição para a sociedade, seja no campo da filosofia, das artes, das ciências ou até mesmo militares, esse último como exemplo de coragem e ‘macheza’⁶.

A heterossexualidade compulsória reina soberana no imaginário falo-edipiano de certa Psicologia, gozando (e só falam deste tal de gozo) de privilégios por conta de sua suposta naturalidade e recompensas por um calendário (re)produtivo do capital. Essa ficção biopolítica tece o triste cotidiano das práticas *psi cães de guarda* (ROLNIK, 1994), que contam ainda com a comoção interdisciplinar de outras práticas/campos de saberes normativos e moralidades canônicas, estejam elas para as humanas ou para as outras ciências da natureza – cuja arbitrária divisão já revela a atormentada vontade de saber-poder. (PERES, 2014, p.106-153)

A AIDS foi um divisor de águas para que muitos desses militantes resolvessem partir para uma atividade política através de ações coletivas, como, por exemplo, as paradas gays, ou de

⁵ Utilizamos aqui a grafia popular, encontrada em pichações, nos muros, banheiros públicos etc., e não a forma culta (algo pedante) “veado”.

⁶ Podem-se citar, como exemplos, o filósofo Sócrates, o pintor renascentista Leonardo da Vinci, os escritores Oscar Wilde e Thomas Mann, os poetas Arthur Rimbaud e Charles Baudelaire, o conquistador Alexandre, o Grande, e outros. No Brasil, um notório militante gay tentou passar a imagem do lendário cangaceiro Lampião como gay...



orgulho LGBT, a fim de dar visibilidade ao movimento. Manifestações e protestos também serviram para registrar a ação da epidemia em seus próprios corpos e comunidades. A sociedade patriarcal logo percebeu que o afeminamento por parte de homens gays era desafiador, *antiestablishment* até certo ponto. Quase todos os principais ativistas eram homens brancos – ainda não existia o conceito de cis na época. É importante destacar que a naturalização das identidades cis produz privilégios diretamente percebidos na medida em que pessoas cis não precisam ter sua identidade legitimada pela ciência, nem estão classificadas como doentes mentais em documentos médicos oficiais (como ocorria com os homossexuais até pouco tempo), não sofrem privações jurídicas de existência em documentos oficiais, não são vítimas de violência transfóbica e cissexista, não precisam dar explicações sobre suas identidades, não são vistas como pervertidas pela sociedade em geral e nem têm sua sexualidade confundida com seu gênero.

Kzdo, 50 anos, Rio de Janeiro, RJ *Quero machos acima de 45 anos. Casados com mulher (...). Gosto de macho casado, passivo, coroa. Uso cavanhaque, bigode e sou calvo. Sou casado com mulher, filhos e neta. Gosto de (...) macho casado com mulher. Maduro. Macho que tem desejo secreto de curtir (...) outro macho. SEM BEIJO NA BOCA. (...) Descrição é fundamental.*

A importância do papel desempenhado pelo gay afeminado não é a de criar uma identidade própria, por meio de imagens positivas ou negativas do homossexual, mas a de buscar imagens plurais, que representem uma democracia real de sujeitos e corpos diversos. O comportamento afeminado tenta mostrar, na realidade, um orgulho de suas próprias imagens desviantes de uma norma majoritária, atacando não só os fundamentalistas, religiosos ou não, defensores de uma sociedade heterossexual, mas também os gays que a apoiam.

Não se pode esquecer também a revolução que a internet trouxe ao se posicionar como um repositório de redes sociais e sites de relacionamento, afetando principalmente os corpos das pessoas, o embate físico, as relações sexuais, como as postagens de *nudes*, por exemplo. A mobilização de grupos de gays afeminados a que assistimos nos últimos anos é um fenômeno específico e especialmente novo, que enfrenta os desafios de uma sociedade envolvente predominantemente machista e homofóbica, e que elegeu o patriarcalismo e a heteronormatividade branca como padrões sociais dominantes. É o corpo e suas transformações que está no centro de qualquer tentativa de definição de gênero ou orientação sexual e sobre relacionamentos contemporâneos. Ser gay afeminado não se trata especificamente de um papel sexual, mas igualmente passa por ele, tendo inúmeras vias de escape. Por sua vez, também



apresenta o corpo como dispositivo principal, questionando o papel da imagem do homossexual nos dias atuais, lidando com questões de identidade, procurando estabelecer uma relação entre gênero e orientação sexual. Afinal, o corpo é o único lugar que ele tem para expressar o que sente. Ser gay afeminado seria, assim, um ato de apropriação do próprio corpo.

3. Gays cis X gays afeminados

A partir da eclosão, nas décadas de 70 e 80 do século passado, de um movimento gay no Ocidente capitalista, o discurso dominante da comunidade homossexual pautou-se pela afirmação da diferença como pressuposto da existência, postura, aliás, adotada por outros movimentos e manifestações de minorias, como os negros e as mulheres. Assim, os militantes e divulgadores desses movimentos procuraram enfatizar, como ensina Deleuze (2011), as particularidades culturais, como sexo, gênero, raça, língua, opção política etc, ao invés de afirmar a humanidade do ser primeiro, para depois buscar sua variedade como identidade particular. Historicamente,

A partir da queda do muro de Berlim, em 1989, e da dissolução da União Soviética, em 1991, quando ficou marcado o fim da Guerra Fria, surgiram os prognósticos do fim da História, o fim das ideologias, o fim das utopias, o fim dos modelos de análise teórica baseados em classes sociais e, com isso, a repulsa a qualquer ideia de se ver o mundo como uma totalidade, categoria essa equivocadamente associada ao totalitarismo, à primazia do coletivo sobre o indivíduo, verificadas nas experiências do nazismo alemão e do stalinismo. (BARRADAS, 2015, p.70)

Ou, como explica Chantal Mouffe,

Não há muito tempo diziam-nos, ao som de grandes fanfarras, que a democracia liberal tinha vencido e que chegáramos ao fim da história. Mas aí, longe de ter proporcionado uma transição suave para a democracia pluralista, em muitos locais o colapso do comunismo parece ter aberto caminho a um ressurgimento do nacionalismo e à emergência de novos antagonismos. Os democratas ocidentais assistem a diversos conflitos étnicos, religiosos e nacionalistas que pensavam pertencer a eras passadas. Em vez da apregoada “nova ordem mundial”, da vitória dos valores universais e da generalização de identidades “pós-convencionais”, assistimos a uma explosão de particularismos e a um crescente desafio no universalismo ocidental. (MOUFFE, 1996, p.11)

Nesse sentido, os militantes gays partiram para uma crítica social radical e procuraram dar ênfase aos particularismos, sobretudo à orientação sexual, daí originando-se polêmicas e discussões infundáveis sobre se um indivíduo já nasce homossexual ou se a homossexualidade é adquirida ao



longo da vida, ou seja, se é uma produção cultural, resultado de determinadas condições de existência, materiais, sociais e psicológicas.

A comunidade gay ocidental optou pelo comportamento ‘desviante’, abandonando o chamado ‘armário’ para assumir um sentido de pertencimento a uma comunidade ampla, estabelecendo uma distância em relação à heteronormatividade dominante.

Poetinha, 25 anos, Belo Horizonte, MG *Eu sou homem querendo conhecer homem - Para namoro, amizade, apenas sexo. Com no mínimo 40 até 69 anos. Apenas maiores de quarenta. másculos. Estou viajando. Responderei às mensagens quando eu voltar.*

Tal estratégia de resistência encontrou seu momento heróico e deflagrador no já citado Levante de Stonewall, em que o grupo passou a ser caracterizado como uma ‘minoría’. Entretanto, tal estratégia se mostraria insuficiente para o delineamento do gay afeminado, sobretudo o entendimento da ‘feminilidade’ como elemento de composição desses sujeitos sociais, e não como meio de expressão a serviço de uma causa.

A busca pela estranheza de comportamento (trejeitos, jeito de andar, modos de falar e vestir, etc.) constituiu-se em uma ferramenta muito mais eficaz. Dentre as estratégias utilizadas no momento de afirmação do movimento gay, a partir do final da década de 1960 até meados dos anos 1990 – momento de afirmação do movimento gay, época de reivindicação por direitos civis, de luta contra o obscurantismo provocado pela AIDS e pelo conservadorismo moral, e de consolidação de uma ‘imagem’ pública – é então que surge a sigla LGBT –, uma das estratégias mais utilizadas pelos gays afeminados foi a de referenciação histórica da diferença identitária, recusando o patriarcalismo e a heteronormatividade como padrões sociais hegemônicos, tomando a estranheza, o extravagante e o bizarro – signos de uma identidade não normativa – como uma referência e um estilo de vida.

Manalonee, 40 anos, Santo André, SP *Busco pessoas educadas, postura de homem, carinhoso e "sadios fisicamente", nada afeminada. Namoro pode rolar depois de convivência, afinidades (...) não é cama que define, e se rolar seria em off, não vou andar abraçado, de mãos dadas ou beijar em público. Se transa sem camisinha mesmo com ex (...) é porque não toma o devido cuidado e não dá valor a vida, então tô fora.*

Pode-se afirmar que, para os homens gays afeminados, importou menos a nota de escândalo do que a investigação de contextos de intolerância, a desconstrução de estereótipos e a



afirmação de um novo sujeito oscilante em seu furor libidinal, para quem as armadilhas do sexo e do desejo são o verdadeiro desafio.

A eclosão e a posterior afirmação do movimento gay nas sociedades capitalistas ocidentais entre os anos 1960/1990 coincide com uma época de liberação sexual, de importantes mudanças históricas, no bojo do controvertido pós-modernismo.

Assim, o que se denomina de capitalismo contemporâneo ou pós-moderno é o atual estágio do sistema produtor de mercadorias, cujas origens remontam à década de 1960, onde o sistema capitalista começou a adquirir uma forma globalizada, valendo-se da evolução das novas tecnologias da informação e da comunicação, inaugurando uma nova ordem econômica mundial. A partir dos anos 1970, os processos informacionais vêm se constituindo com a base técnica para que o modo de produção capitalista redirecionasse seu foco, até então sobre a produção, em direção aos serviços e ao seu suporte ideológico-cultural. (BARRADAS, 2015, p.85)

O movimento gay passou, então, a inserir-se na causa mais geral da luta por direitos civis de ‘minorias’ oprimidas (homossexuais, negros, mulheres), sem perder, porém, sua especificidade, e obtendo aparente aceitação por parte do *establishment*, inclusive porque o contexto de afirmação gay era de franca rejeição, por conta da paranóia da AIDS, entendida à época como um ‘câncer’ ou ‘peste gay’. Até este momento, final da década de 1980, o movimento gay vinha sustentado ideologicamente em um difuso sentimento de pertencimento a um grupo específico, independente, marginal, periférico.

Tesaoacemporhora, 35 anos, Alambari, SP *Não estou atrás de romance, quero somente sexo. Kurto os MLKS mais novos, não curto gordos, velhos, ursos e afeminados. Quero caras desencanados. Sem frescuras ou stress, para transa gostosa, (...) curto caras machos ativos, versáteis e passivos que curtam filmar (...)*

No momento em que se deu essa ruptura, impôs-se ao movimento gay recorrer politicamente a figuras históricas ou a ícones da cultura pop a fim de facilitar o reconhecimento de uma nova esfera social e cultural na luta pelo reconhecimento social, pela não estigmatização. Entretanto, tal inserção na sociedade de consumo não se fez sem contradições, na medida em que ser gay implica viver em um mundo sem prescrições, tais como ser outro que não o macho hétero ou a mulher procriadora, mas com as eternas restrições, não mais biológicas, econômicas ou culturais, mas fundamentalmente de ordem política. Se o ódio homofóbico tem algum fundamento, que ele seja explicitado como uma tentativa de domesticação política e existencial e de ocultação social do fetiche do trabalho na sociedade capitalista, que, segundo alguns intérpretes,



(...) está para além de sua função ontológica de sociometabolismo com a natureza – para produzir e reproduzir as bases materiais necessárias à subsistência humana –, mas, sim, possui uma função específica, a de produzir bens de troca para o mercado. Cabe lembrar que a finalidade precípua do processo de produção capitalista não é nem simplesmente a fabricação de produtos – valor de uso – nem simplesmente a de produzir mercadorias – valor de uso que possui valor de troca –, mas produzir um crescente excedente, com a finalidade de maximizar o lucro e acumular capital, no seu processo incessante de valorização do valor que se efetiva através da apropriação do tempo de trabalho não pago. (BARRADAS, 2015, p. 23)

Assim, na atualidade, o movimento gay tradicional vive uma contradição, na medida em que ora é elogiado pela luta contra a censura e os conservadorismos, ora é condenado como mais uma peça do ‘sistema’. O aspecto novo estaria representado pelos homossexuais afeminados, que oscilam em meio às disputas sobre a condição gay e sua estigmatização em uma sociedade que já foi chamada “do espetáculo” (Guy Debord) ou “do controle” (Deleuze), mas, ao mesmo tempo, recorrem a atitudes e comportamentos ‘pós-modernos’, que rompem barreiras entre gêneros, classes, épocas, estilos, ao mesmo tempo em que desnaturalizam e denunciam a instância dominante heterossexual normativa branca. Ainda um ‘ponto fora da curva’, o movimento de gays afeminados denuncia o discurso do ativismo homossexual tradicional, de certa maneira vitorioso na luta pelos direitos civis, como igualmente dominante e excludente, na medida em que marginaliza um reconhecimento mais amplo da comunidade gay, ou seja, ignora ou ridiculariza o segmento que se apresenta fora do padrão dominante representado pelos estereótipos da heteronormatividade branca, mais próximos da família tradicional.

Kramacho4tao, 52 anos, João Pessoa, PB *Caras de sobrelha feita, fala mole, sem chance. Há os que cultuam divas ...). A parada é entre machos. E se curtir mulher, é um plus. Enfim, o lance é entre machos na e fora da cama. Não dou espaço a fofocas nem a tipos bizarros. Papo reto, papo de macho, sempre. Enfim, não sou assumido socialmente nem busco me relacionar com quem se assume. (...)*

Nesse sentido, pensamos que seja possível situar o gay afeminado dentro de uma perspectiva queer. A teoria queer, influenciada pelo pós-estruturalismo, defende a performatividade de todo gênero e sexo perturbando essas categorias supostamente naturais: incluem uma mistura de inflexões particulares dos estilos habituais de movimentos corporais.



4. Ou isto ou aquilo

Assim como ocorre com a sexualidade, a ‘questão gay’ veio a ser compreendida em termos essencialistas e construtivistas e os diferentes modos que temos para compreender essa questão comportam diferentes implicações políticas. Como a teoria queer demonstra, gênero é, em larga medida, construído por uma ideologia dominante do macho, branco, ocidental que atribui homossexualidade e certas “características sexuais” somente a orientações sexuais que questionam a heteronormatividade. A heteronormatividade, portanto, cria e perpetua a si própria como uma não construção, como algo ‘natural’ e ‘universal’, ao mesmo tempo em que atribui “desvio” a outros tipos de comportamentos e orientações que divergem da ‘norma’ ou do padrão dominante.

Machin machinho, 31 anos, Barra de São Francisco, ES *Machinho, curto futebol, fala grossa e firme. Para começar, HOMEM, nada de viadinho.*

Seguindo a definição de sexualidade como invenção, pode-se assumir que há pouco de ‘natural’ a respeito de sexo e de orientações sexuais, e também que não há verdade essencial conectando todos os indivíduos que dividem o mesmo sexo. Nos meados do século XX, teóricos propuseram resolver o dilema da sexualidade humana recorrendo a uma análise revisionista do conceito de homossexualidade que se propunha evitar uma explicação essencialista e biológica da identidade homossexual. O poder de inventar ou reconstruir uma noção de homossexualidade que estivesse livre da construção opressiva e racista imposta sobre a ela pela cultura heteronormativa branca estava nas mãos dos próprios homossexuais. Por isso, um movimento gay inscreveu o processo de ‘fazer ou, melhor dizendo, de construir a identidade homossexual com vontade e poder conscientes. E quando se pensa a sexualidade como uma construção sócio-histórica é correto assumir que orientação sexual é algo mutável ao longo do tempo e que a ‘identidade sexual’ deve, em alguma medida, ser algo fluido. Há sempre características plurais combinando com a identidade ou moldando-a.

Japapassivoquerativo, 43 anos, São Caetano do Sul, SP *Sou casado, cem por cento passivo com homens, sem barba e nem bigode, poucos pelos pelo corpo, não sou afeminado, não frequento o meio GLS, sou higiênico, limpo, educado com bom nível cultural. (...) Procuo pessoa de preferência mais velha, que seja fora do meio GLS, que não seja promíscua. Preferências homens casados, que sejam discretos e sigilosos. Pode ser de qualquer dote. O que importa é que exista cumplicidade. (...) Mas sem essa de pegação do pé, ciúmes. Apenas uma amizade sincera.*



Uma vez que vários aspectos do nosso ser se cruzam, a identidade de gênero jamais é uniforme. Sobre ser gay ou hétero e não querer escolher um em detrimento do outro, mesmo podendo se sentir pressionado a isso em uma sociedade hétero branca, o importante é perceber ambas as possibilidades são possíveis numa mesma pessoa, ambas informam a personalidade, ‘isto’ não é mais importante do que ‘aquilo’.

O gênero não deve ser construído como uma identidade estável ou um *locus* de ação do qual decorrem vários atos; em vez disso, o gênero é uma identidade tenuemente constituída no tempo, instituído num espaço externo por meio de uma *repetição estilizada de atos*. O efeito do gênero se produz pela estilização do corpo e deve ser entendido, conseqüentemente, como a forma corriqueira pela qual os gestos, movimentos e estilos corporais de vários tipos constituem a ilusão de um eu permanentemente marcado pelo gênero. Essa formulação tira a concepção do gênero do solo de um modelo substancial de identidade, deslocando-a para um outro que requer concebê-lo como uma *temporalidade social* constituída. (BUTLER, 2003, p. 200)

Em consonância com esse pensamento, o ativismo gay enfrentou a dualidade que veio a definir as lutas gays e queer nas últimas décadas. Essa dualidade informa o trabalho que veio a se definir sobre duas frentes ao mesmo tempo. Essas frentes são a comunidade cis gay branca e a homofobia da sociedade envolvente, majoritariamente hétero, que, em si próprias, criam a dificuldade de ter que sempre negociar com as diferentes comunidades às quais os homossexuais igualmente pertencem. Essa constante luta em duas frentes, consequência desse duplo pertencimento, significa que o indivíduo queer precisa localizar a si nos espaços entre comunidades diferentes – nas interseções de relações de poder determinadas por raça, classe, gênero e sexualidade. De modo análogo, ter que escolher entre dois lados de um mesmo ser significa a recusa à divisão binária entre os sexos.

Ninguém pertence exclusivamente a uma comunidade homogênea e monolítica, mesmo se alguns estejam menos conscientes do que outros do pertencimento híbrido. Portanto, para muitos homossexuais a vida cotidiana é uma questão de atravessamento, de viajar no meio, e de negociar uma pluralidade de espaços diferentes – é o caso, por exemplo, de gays que, por diferentes motivos, ainda ‘não saíram do armário’. Esse binarismo, e a transgressão dele, também podem ser entendidos como centrais à ‘questão gay’ em geral: sujeitos com alguma perspectiva queer têm lugar ou vêm a ter entre os espaços acidentados nos quais todas as variáveis da identidade se intersectam mutuamente. É necessário ver a homossexualidade como parte da sexualidade humana e, por conseguinte, não



como ‘desviante’. O ‘desvio’, se é que se pode chamar assim, está em rejeitar o comportamento heterossexual, gay ou não, como padrão.

5. Teoria *queer* e essencialismo

Em virtude de não negar sexualidade como construção, a teoria *queer* ocupa um papel central nas discussões teóricas na atualidade, conforme lida explicitamente com a questão de um essencialismo sexual e com as implicações políticas de tal posicionamento. Os discursos *queer* são importantes principalmente porque evitam qualquer imagem unilateral ou previamente estabelecida sobre o que a sexualidade deve – ou pode – ser. Ao contrário, eles abertamente complicam a necessidade por uma unidade sexual em sua recusa a seguir os consensos pressupostos sobre o que deve ser uma identidade positiva ou negativa de uma subjetividade gay. Em lugar disso, a diversidade e a multiplicidade são levadas em consideração. O movimento *queer*, portanto, assume diferentes formas, celebrando a pluralidade e rompendo com a uniformidade e a univocidade do essencialismo. Entretanto, ao mesmo tempo em que se coloca em defesa da homossexualidade, ele também aponta para outra possível realidade na qual a homossexualidade não precisa ter sexo. Ou seja, ao mesmo tempo em que enfatiza a necessidade de apoiar políticas de identidade, simultaneamente demonstra a necessidade de questionar noções fixas de identidade. Rompendo com a cultura gay cis e com os modos como ela coloca homens gays na posição de outros, aponta rumo a novas definições do *eu* ao oferecer uma grande variedade de imagens e de possíveis posicionamentos no interior da comunidade gay.

Aqui caberia uma observação: passar por uma fase essencialista pode ser talvez uma exigência para que seja possível a alguém se posicionar como um sujeito ativo e capaz de criar a si próprio. Caso contrário, seria difícil para o indivíduo romper com uma homofobia ou, então, com a demanda da sociedade para que alguém “se passe” por heterossexual. É somente por meio da força do grupo que alguém pode começar a desconstruir as formas e estruturas culturais que tentam determinar aquilo que se é. Talvez um separatismo inicial possa ser útil, e somente passando e experimentando significados do essencialismo é que o indivíduo e o grupo poderiam ultrapassar noções essencialistas. Somente quando se entende que respostas essencialistas e biológicas não vão longe e falham em oferecer verdades absolutas é que alguém começaria a ver as sufocantes limitações do essencialismo.



6. Masculinos X femininos

É importante traçarmos algumas considerações sobre masculinidades e feminilidades diversas, abordando questões que ultrapassam as noções tradicionais do masculino e do feminino, focando em aspectos vinculados não apenas ao gênero, mas também à classe e à raça, e também a masculinidades e feminilidades dissonantes, que criticam essas categorias como estanques, naturais e homogêneas.

Barmancarioca, 38 anos, Rio de Janeiro, RJ *Passivo, cara discreto, másculo, (...) e safado. Procuo cara macho ativo, aos casados dou preferência. Gosto de dominadores, homens bem (...), que sabem fazer um cara virar sua fêmea na cama. Não curto passivos, versáteis ou afeminados. E, por favor, menos mi mi mi.*

Assim, pensamos masculino e feminino no plural porque, no nosso entender, essas noções/categorias ultrapassam as normas a que estão vinculadas histórica e culturalmente, quais sejam, imagens de força física, virilidade, paternidade e heterossexualidade, no que diz respeito aos homens, e de delicadeza, vaidade, maternidade e heterossexualidade, no caso das mulheres (BUTLER, 2003). Desse modo, masculinidades e feminilidades se apresentariam mais como *performances* de gênero, como *ethos* e como *pathos* visíveis nos corpos e nos gestos, e que não são exclusivos de um ou outro sexo. Tal leitura permite um questionamento fundamental das atuais políticas de gênero, ou seja, a dissociação entre sexo biológico e gênero, a crítica à lógica binária e reducionista de um masculino e de um feminino geral como identidades que se foram tornando senso comum dentro da cultura midiática, motivando reconfigurações na luta pelas visibilidades.

A necessidade de criar um novo paradigma de gênero foi condicionada pela presença cada vez maior de personagens gays na sociedade e da temática gay na cultura midiática mais geral. Se no contexto dos anos 1990 a cultura gay ainda era vista com certo estranhamento, a partir dos anos 2000 os comportamentos amorosos e sexuais de casais do mesmo sexo/gênero tornaram-se cada vez mais visíveis, e termos como assimilação passaram a ser usados em uma complexificação da política de gênero no sentido de identificar e, sem dúvida, tentar controlar tais mudanças, como seria o caso das telenovelas brasileiras que mostram casais gays. Nesse sentido, uma política assimilacionista incorporou o homossexual na cultura midiática geral, desde que este atendesse a moral hegemônica da heteronormatividade branca, de certo estilo de vida afetiva e amorosa, mas deserotizado.



Na atualidade, os desafios vão além da demarcação de uma visibilidade que perturba o feminino e o masculino em determinadas situações. O desafio é expressar a multiplicidade de feminilidades e masculinidades e perturbar o que já foi assimilado como comportamentos ‘aceitáveis’ de gays e lésbicas. Assim, hoje, a imagem heteronormativa do feminino dominante é perturbada pela figura da ‘sapatao, ou da transexual, enquanto a do masculino (corpos e gestos) é contestada pela atitude do gay afeminado. Uma das propostas dos grupos que denunciam o preconceito contra gays afeminados é questionar a raiz dos desejos e preferências sexuais. A ideia de que a rejeição contra homens considerados femininos seja simplesmente uma questão de gosto pessoal deve ser objeto de análise e reflexão; afinal, tudo aquilo de que gostamos ou não é fruto das interações sociais e dos valores culturais que aprendemos em sociedade.

A consciência que esses grupos de gays afeminados desejam promover também faz parte de uma postura mais crítica e mais diversa, que direciona questionamentos incômodos para o próprio movimento LGBT, onde homens gays ainda detêm a maior visibilidade – mas mesmo o destaque para as pautas masculinas passa por crivos seletivos.

Sexoativorj, 43 anos, Rio de Janeiro, RJ (...) *Procuró passivos para individual (...) ou ativos para fazer a três com meu parceiro. Depois de um bom papo, se você tiver algum CONTEÚDO e EU achar que vale a pena, me apresento PESSOALMENTE para quem quiser !! Se vc procura um DEUS GREGO, pode passar para o próximo perfil... COMPORTAMENTO MASCULINO É INDISPENSÁVEL !! Se eu curtisse "jeitos" femininos, ficaria com MULHERES, OK? Quero HOMEM que goste de outros HOMENS e que também se COMPORTE como HOMEM !! Preferência por passivos (individual) ou ativos para fazer a três com meu parceiro. NÃO vai rolar se você for "assumidaço," dá "pinta", "mia", fala com voz "mole", gesticula demais, é fumante, é peludo, barbudo ou urso, é "estressado" ou indeciso na vida (...) Vaza! NÃO aos garotos de programa!! Nada contra os comportamentos e tipos acima, apenas questão de gosto pessoal, tenho esse direito! (...)*

Ao analisar a comunidade gay, vimos que o movimento LGBT é guiado por gays brancos e ‘discretos’, que representam aquilo que a sociedade aceita como tolerável: homens reiterando seu papel de homem e mantendo sua sexualidade entre quatro paredes. Muitas vezes, os afeminados são



vistos como a escória dos gays. Como se a culpa da existência da homofobia fosse desse segmento, já que, numa perspectiva cis, daria motivo para que ela aconteça.⁷

Tais questões políticas de gêneros, que acabam por perturbar o masculino e o feminino tradicionais, estão presentes na mídia das sociedades capitalistas ocidentais ou ocidentalizadas, através das construções de masculinidades (o gay afeminado) e feminilidades (a sapatão) que utilizam signos (gestos e falas, modos de vestir, etc.) habitualmente atribuídos ao outro sexo.

Desse modo, a partir dos anos 2000, os desenhos dos corpos de homens e mulheres homossexuais encontram-se cada vez mais pluralizados, confirmando a multiplicidade de masculinidades e feminilidades possíveis. Esses comportamentos de homens e mulheres homossexuais traduzem toda uma dimensão política que não se esgota apenas na orientação sexual. Eles se transmitem pela força dos engajamentos afetivos possíveis nas relações interpessoais. Se, na década de 1990, a questão social e cultural das diferenças, o ‘sair do armário’, era o centro da ação política, nos dias atuais o que move o gesto político de gays, lésbicas, transexuais e transgêneros é sentir-se como tal, é o ser e estar no mundo, é uma política desejante, é o encontro de corpos e desejos, é o que acontece ‘fora do armário’.

Em determinados contextos, essa ‘saída do armário’, tornando possível a visibilidade do gênero escolhido ou aceito pela pessoa, implica ultrapassar o discurso assimilacionista e da luta contra a homofobia, o preconceito, pelo respeito às diferenças, pela igualdade de direitos etc. Não que essa luta esteja superada, de modo algum, sobretudo no Brasil e nos países periféricos (haja vista as estatísticas de gays assassinados anualmente no Brasil, bem como a situação marginal dos homossexuais em países africanos e asiáticos, onde a homossexualidade chega ser punida com prisão e morte). Entretanto, em termos da realidade atual de alguns países chamados “desenvolvidos”, essas expressões homoafetivas encontram-se menos no campo dos conflitos, tais como a identidade sexual e os preconceitos, e mais no terreno dos desejos.

Carecadoabc, 43 anos, São Paulo, SP *Não sou discreto, porque pra mim discreto é o viadinho que tenta ser macho (quero ser feliz, é o que importa). Eu não sou o melhor cara do mundo, mas também não finjo ser o que não sou!!!!!! Na boa, galera, quando for mandar mensagem dá uma lida no meu perfil (...). Sou (heterossexual) ativo, curto passivão, os ativos que*

⁷ Uma pessoa ‘chama a atenção’, ‘dá pinta’, é ‘escandalosa’, e não age com o esperado alinhamento cis, e por isso irá prejudicar a causa LGBT – esse discurso está bastante difundido no meio homossexual.



curtem dar (...) também são bem-vindos. Versátil pra mim parece nome de roupa, e roupa eu uso, então, se for levar ao pé da letra, curte dar (...) também.

Como demonstra Perlongher (1987), em sua brilhante dissertação, em geral, homens gays ‘machos’ preferem uma pessoa ligeiramente masculina, que ‘não dá bandeira’, que não seja muito evidente, ou escandalosa, que seja discreta, com quem seja mais fácil circular sem chamar a atenção (7); entretanto, alguns homens, que gostam de agir como ‘machos dominadores’, podem se sentir atraídos por uma ‘bicha’ feminina. As relações se dão entre pessoas que ocupam polos. Alguém que tem dado mais ‘bandeira’, mais aberto, mais feminino, geralmente procura o polo oposto, uma pessoa mais máscula. Pode acontecer um caso em que os dois indivíduos sejam femininos, mas, em geral, se o objetivo é apenas relacionar-se sexualmente, sem compromisso, não funciona muito. A tendência do feminino é procurar o masculino e do masculino procurar o feminino – embora em grau bem menor. Assim, haveria uma tendência à polarização das posições sexuais nos polos ‘masculino/feminino’.

7. Considerações finais

O papel do movimento gay foi o de trazer diferentes olhares e percepções que não há como controlar nem prever. Tanto melhor se ele for capaz de provocar um debate público para questões como preconceito e os papéis da arte e da mídia. Apesar dos inegáveis avanços, o cenário gay contemporâneo (mesmo no âmbito da inclusão normativa, como, por exemplo, a permissão para a realização de casamentos entre pessoas do mesmo sexo) ainda enfrenta preconceito, julgamento e rejeição em muitas frentes. É nesse cenário que o comportamento gay afeminado se faz presente e é para esta sociedade que ele deve se comunicar e se fazer diligente, num esforço de provocação e reflexão sobre preconceitos e clichês. Os mecanismos machistas ficam muito evidentes em situações em que homens afeminados são hostilizados. A compreensão desse fenômeno e o combate contra a misoginia são, portanto, de fundamental importância, e o feminismo, em suas diversas correntes e lutas históricas, trabalha muito bem essas questões. Mas o papel dos homens afeminados deve ser bem compreendido, quanto à questão de protagonismo dentro dos movimentos sociais. O feminismo é importante, mas é um movimento de mulheres e para mulheres, pautado em questões que dizem respeito a elas. Toda a desconstrução do machismo, do sexismo e de outras opressões é importante para todas as pessoas, mas isso atinge diretamente as mulheres, portanto, o protagonismo na luta é delas e não dos homens, gays ou héteros. Nomear e denunciar o preconceito, onde quer que ele se encontre, é, de fato, impositivo para que ele seja combatido. Noções pretensamente universalistas a propósito da experiência de ser gay, homem, bissexual, lésbica ou



mulher, por exemplo, incidem no mesmo equívoco, qual seja, a marginalização dos indivíduos que não atendem aos critérios do que supostamente deveria ser norma universal. Políticas de opressão e ideologias de dominação que as justificam e ‘legitimam’ estão imbricadas, provocando práticas difusas de violência que englobam homofobia, lesbofobia, transfobia, racismo, misoginia, entre outros tipos de discriminação.

Referências

- ARRAES, Jarid. *Dando pinta e enfrentando a homofobia*. Disponível em <www.revistaforum.com.br/2015/05/14/dando-pinta-e-enfrentando-a-homofobia> Acesso em 2/01/2016.
- BALTAR, Mariana. Tessituras do excesso: notas iniciais sobre o conceito e suas implicações tomando por base um procedimento operacional padrão. *Revista Significação*, São Paulo, ano 39, nº 38, 2012.
- BARRADAS, Mary Suely Souza. *Capital como droga, trabalho como vício: subjetividade, euforia e depressão na pós-modernidade*. Tese de Doutorado. Área de concentração: Contemporaneidade e processos de subjetivação. Departamento de Psicologia Social. Instituto de Psicologia. Rio de Janeiro: UERJ, 2015.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- MOUFFE, Chantal. *O regresso do político*. Lisboa: Gradiva, 1996.
- PERES, William Siqueira; POCAHY, Fernando Altair; CARNEIRO, Nuno Santos; TEIXEIRA-FILHO, Fernando Silva. Transconversações queer: sussurros e gemidos lusófonos. Quatro cadelas mirando a(s) Psicologia(s). *Revista Periodicus*, v.1, n.1, mai-out 2014.
- PERLONGHER, Néstor. *O negócio do michê: a prostituição viril em São Paulo*. São Paulo: Brasiliense, 1987.

